

CLOVIS SENA

É o que se propõe no título. Mas vamos pelo começo. Durante século a Nação discutiu a transferência da capital, do Rio para o centro do Brasil. Isto com mais intensidade desde a Expedição Cruls, af por 1892 ou 93, a partir de quando os mapas brasileiros começavam a aparecer com um quadrado, no meio de Goiás, que dizia: Futura Capital Federal.

Pois bem. Tanta briga, sobretudo quando Juscelino decidiu que cumpriria o mandamento constitucional, para dar em quê? Quem é o prefeito? Não há prefeito. A autoridade maior do Distrito Federal, o governador, designa um cumpincha partidário que esteja desempregado — para administrador. Sem poder nenhum. É só o emprego. Então surgem os Manezinhos, os Diquinhos-do-riacho, os Zelões-da-portaria, os Naldos-amola-faca.

Abre a boca, é um erro de concordância em cada três vocábulos.

Tudo certo: o governador, um bom tipo, qualificado, dispõe de todo o Distrito Federal para administrar. Mas Brasília, a Capital da República e Patrimônio Cultural da Humanidade merece tratamento diferenciado, a começar por um prefeito. Falta o prefeito de Brasília. Pessoa da maior categoria e representatividade.

Se o governador do Distrito Federal, por motivos de entraves das injunções não tem como escolher um brasileiro de alto padrão para prefeito de Brasília, que transfira a incumbência ao Presidente da República.

Não há prefeito de Brasília porque não consta da lei. Seria? Mas qual o problema? Faça-se lei. Para quem não esteja em tal ou qual esquema partidário, não faz diferença se a escolha deva ser atribuição do governador ou do Presidente da República, que este também governa de Brasília. O que interessa são os resultados para Brasília e a Nação.

O Rio-Capital-da-República foi administrado por muitos prefeitos representativos e que entraram para história. Brasília, faça-se justiça, teve como primeiro prefeito o engenheiro Israel Pi-

nheiro, homem de têmpera, e que já vinha de muitos cargos importantes desde os anos 30 (um referencial secretário de Agricultura em Mina. Gerais), deputado federal, por vários anos, ora presidente da Comissão de Orçamento, ora da de Finanças da Câmara dos Deputados, primeiro presidente da Novacap e que proximamente em 1996 estará sendo evocado pelo transcurso de seu centenário de nascimento. (Também governador de Minas). Juscelino o chamou para o trabalho pioneiro em Brasília porque sabia da franqueza com que Israel Pinheiro, além de voltado ao trabalho, dizia não a todo impertinente.

Houve José Sete Câmara, embaixador, chefe da Casa Civil de Juscelino, prefeito do Rio e de Brasília (numa época desta, de Natal e Ano Novo, do dia para a noite a W3 amanheceu toda plantada com árvores já de bom tamanho); Plínio Catanhede, líder de engenheiros, antes nomeado por Getúlio para a comissão de três que apresentaria ao Governo o projeto do aço (Volta Redonda), a seguir primeiro presidente do IAPI, o instituto dos industriários, e que fez dessa autarquia modelo. O IAPI foi tão bem estruturado que se manteve exemplar por décadas.

Salvo alguns meios de comunicação de fora (tradicionalmente alienados, reacionários e ressentidos), a população brasileira tem interesse por Brasília, como antigamente tinha pelo Rio de Janeiro: todo brasileiro queria que sua então Capital Federal fosse a melhor e mais bela cidade do mundo.

Ora, o partido notório por seus suaves ativistas chegou a fazer passeata pela manutenção da própria favela, a Favela do PT: uma agressão à estética e à ecologia em meio ao bosque ao lado da Praça dos Três Poderes. O braço sindical do PT, a CUT, incumbiu-se de promover a manifestação pró-favela, com privilégio de os beneficiários defecarem debaixo das árvores. Argumento: os favelados trabalham ali perto, na Praça dos Três Poderes e Esplanada, catando papel.

E os outros brasileiros que igualmente trabalham nos Três Poderes e na

Esplanada?

Também seria dar privilégio a todo flanelinha de estabelecer-se perto de onde dê 'uma olhadinha' num carro.

Haveria singela motivação: transformar em petistas eleitores de ACM.

Depois se legalizaria.

Passeata, sim, mas em favor de mais escolas; de mais hospitais; de mais verde; água bem tratada e esgotos também; de reforma agrária; de oportunidades; de qualificação profissional. Em favor da Orquestra do Teatro, que se transformou, é lamentável, apenas num emprego, não um organismo de exigentes artistas, em busca de qualidade. Mais teatros. Passeata em favor de levar menino de rua compulsoriamente para a escola, onde possa também almoçar e merendar, jogar bola, aprender um ofício, escovar os dentes e tomar banho. (O ministro da Educação parece não gostar disso; considera caro. Mas deve ser feito, à revelia dele). Que se retome para Brasília o Cine Atlântida (e os dois karinzinhos ao fundo; há muita idéia de cultura artística que pode salvar aquelas áreas) e desenvolva um projeto urbanístico, de beleza e funcionalidade, para o Setor de Diversões Sul.

Administrador do cemitério, administrador da praça, administrador de Brasília. Aliás, usam este eufemismo; administrador do Plano Piloto. E o que é Brasília? Como se chama a Capital do Brasil? Mas Brasília tem de ter um prefeito, ungido, se possível aprovado pela Câmara Legislativa ou pelo Senado, e de mandato com o mesmo tempo do governador ou do Presidente, atribuições, orçamento e tudo o mais. O tratamento da cidade tem de ser todo especial e não à base do desamor e do populismo, conforme a acintosa Favela do PT. Mas segundo um enamorado. Péricles era um enamorado de Atenas.

O caso é tão relevante que cada candidato a governador do Distrito Federal deveria tornar público durante a campanha: se eleito, o prefeito de Brasília será fulano.

Um brasileiro cujo perfil a população conheça e a quem admire.

■ Clovis Sena é jornalista e escritor